UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Faculdade De Arquitetura, Artes e Comunicação

Departamento de Comunicação Social

Graduação em Jornalismo

Daniel Bianchi Sakimoto, RA: 151031991

Maria Gabriela Zanotti de Ataide, RA: 161031358

PERUDÁ

Webdocumentário sobre indígenas LGBTQ+ do Brasil

BAURU

2019

Daniel Bianchi Sakimoto, RA: 151031991
Maria Gabriela Zanotti de Ataide, RA: 161031358

PERUDÁ

Webdocumentário sobre indígenas LGBTQ+ do Brasil

Memorial de Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista — Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Prof.º Dr.º Juliano Maurício de Carvalho.

BAURU
2019

Daniel Bianchi Sakimoto, RA: 151031991
Maria Gabriela Zanotti de Ataide, RA: 161031358

PERUDÁ

Webdocumentário sobre indígenas LGBTQ+ do Brasil

Memorial de Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista — Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Prof.º Dr.º Juliano Maurício de Carvalho.

Bauru, ____/____/_____

_____

Francisco Dias Felitti

(Membro externo da banca examinadora)

_____

Prof.ª Dr.ª Maria Cristina Gobbi

(Membro interno da banca examinadora)

_____

Prof.º Dr.º Juliano Maurício de Carvalho

(Organizador e presidente da banca)

AGRADECIMENTOS

Esperávamos que, ao escrever essa seção, os clichês não se fizessem tão necessários. Mas não podemos começar de outra forma, senão, agradecendo à nossa família. Há quatro anos, nos despedimos da vida que conhecíamos. Deixamos nossos pais, irmãos, avós, primos e tios. Em busca do sonho de cursar uma universidade pública, surgiram os corajosos que saíram do ninho para voar. Ao retornarmos para casa, sempre tinha algo fora do lugar e uma nova história sem tempo de ser contada.

Mas entre tantas coisas não vividas, aprendemos o valor de cada segundo ao lado de quem amamos. Estela, Marcos, Edmara e Edvar, obrigado por se fazerem presentes em cada passo que damos e por acreditarem que nossas asas são capazes de alçar altos voos. Pedro e Gabriel, obrigado por compartilharem as alegrias e angústias de sermos quem somos. Edeli, Hélio, Maria, João, Ivonete, Sérgio, Shizuko e Fumio, obrigado pelos ensinamentos de uma vida inteira e pela ancestralidade que trazemos em nossos corações. Luciana, Rodrigo, Siomara, José Aparecido, Mayumi, Makiko, Massato, Sonia, Naura, Elza, Rafaella, Rosa, Beatriz, Renata e Lucia, obrigado por nos apoiarem incondicionalmente.

Também agradecemos aos nossos amigos de São Paulo, Leonardo, Fabricia, Mariana, Thais, Gustavo, Bruno, Guilherme, Kleber, Jorge, Fábio, Vitor, Gabriel, Marcelo e Yoshida, que sempre compreenderam as ausências e não deixaram de mandar mensagens. Aos nossos amigos de Bauru, Matheus, Rafael, Luis Felipe, Julia, João Vicente, Marcelo Bueno, Dyna, Angelo, Thomás, Renan, André, Augusto, Ganzarolli, Luiz, Camila, Giovana, Matheus Ferreira e irmãos Guimarães, por nos incentivarem a buscar o que faz os nossos corações acelerarem.

Somos eternamente gratos a cada um que cruzou o nosso caminho ao longo da produção. Foram dezenas de pessoas que nos emprestaram os equipamentos necessários para as viagens, que nos acolheram em suas casas, que nos forneceram comida e água, que nos ajudaram a chegar em cada uma das cidades, que financiaram o projeto e que, acima de tudo, acreditaram no poder transformador do Jornalismo. Por fim, agradecemos ao Neimar, à Jéssica e à Deltino, por abrirem a porta de suas vidas e confiarem em nós. Muito além do legado ao projeto, vocês deixaram marcas em nossas vidas. Obrigado por tudo o que representam: um Brasil plural, dinâmico e surpreendente.

“Só há duas opções nesta vida: se resignar ou se indignar.

E eu não vou me resignar nunca.”

(Darcy Ribeiro)

RESUMO

O webdocumentário *Perudá: Os indígenas LGBTQ+ do Brasil* apresenta um registro documental das vivências de pessoas com ascendência indígena que integram a categoria LGBTQ+, construindo a narrativa calcada nas histórias de ativistas aldeados e em contexto urbano. Estrutura-se com as percepções individuais de três perfilados acerca de sua sexualidade e relação com suas respectivas comunidades, tendo como pano de fundo o processo de construção de identidade dos povos indígenas no período pós-colonial. A metodologia utilizada é a entrevista documental e o levantamento bibliográfico sob a ótica da construção político-social do Brasil e transformação da sexualidade indígena pós-colonização. O produto final é apresentado na forma de webdocumentário, constituído por vídeos, textos, áudios e fotografias, disponibilizado em um website: <peruda.com.br>

Palavras-chave: jornalismo; indígenas; LGBTQ+; webdocumentário; entrevista; perfil

ABSTRACT

The Peruda: LGBTQ+ Indigenous from Brazil webdocumentary presents a documental view about LGBTQ+ indigenous category, building the narrative based on the experience and stories of village and city context activists. The project is structured with the individual perceptions from three profiled interviewers about their sexuality and relations with your own communities, having post-colonial process of indigenous' identity construction as the background. The methodology used is the documental, and the bibliographic survey about post-colonization Brazil, its social and political construction and the indigenous sexuality on the civilization. The final product is presented as a webdocumentary, built with videos, texts, audios and photography, available in its own website: <peruda.com.br>

Palavras-chave: journalism; indigenous; LGBTQ+; webdocumentary; interview; profile

O SITE ESTÁ DISPONÍVEL NO LINK:

<https://peruda.com.br/>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **9**
1.1 Objetivos 10
1.2 Justificativa 11
2 GÊNERO E FORMATO **13**
2.1 Webdocumentário 13
2.2 Perfil 14
2.1 *Longform* 15
3 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO **15**
3.1 Cronograma 16
3.2 Seleção dos perfilados 16
3.3 Elaboração das pautas 17
3.4 Viagens 18
3.5 Observação e gravação de entrevistas 18
3.6 Fotografias 19
3.7 Produção textual 19
3.8 Publicação do Website 20
4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO **21**
4.1 Público-Alvo 21
4.2 Viabilidade econômica 21
4.3 Circulação 21
4.4 Custos de implantação 22
4.5 Descrição do produto final 22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS **23**
REFERÊNCIAS **25**
APÊNDICES **26**
Pautas desenvolvidas 26
Modelo de Termo de Cessão de uso de imagem utilizado 30
Lista de referências de outros sites. 31
Mapa de navegação do website 33
Manual de Identidade 37
Lista de itens para viagens 39

1 INTRODUÇÃO

A escolha de pautar as vivências de ativistas indígenas e LGBTQ+ no Brasil atual se dá pela notória desinformação sobre o tema por parte da população não-indígena, além de representar discussões necessárias sobre a construção da sexualidade pós-colonização nas comunidades de povos originários. O projeto busca compreender as demandas específicas deste recorte social, visão de mundo construída em comunidades indígenas já integradas à civilização, bem como suas relações com o mundo ao seu redor para além da vida em aldeia, já em contexto urbano.

O silêncio em relação à sexualidade indígena é evidenciado pela construção sócio-histórica, a qual é acompanhada pelos padrões heteronormativos, que causa um afastamento da real compreensão de como viviam estas comunidades antes da colonização. Ronaldo Vainfas relata o caráter da miscigenação como problema moral a ser resolvido pela historiografia. O autor afirma:

> Até o limiar dos anos de 1930 o que se poderia chamar de historiografia brasileira tratava, pois, a miscigenação, não como problema de investigação, mas como problema moral ou patológico que cabia resolver para o bem da Nação. [...] Ao tratarem da "miscigenação racial", evitavam adentrar o domínio da sexualidade – campo fértil para entender os fenômenos culturais e o próprio fenômeno da miscigenação – e quando o faziam, como no caso de Paulo Prado, era para execrar a libido desenfreada de antanho. (VAINFAS, 1999, p. 4)

Assim, o indígena é desconsiderado como ser ativo nas relações com europeus ao longo da colonização e a história passa a ser vista apenas pelo caráter trabalhista e catequista. Porém, diversos autores relataram observações sobre as vivências indígenas relacionadas à sexualidade que permitem a continuidade dos estudos sobre o tema, como as cartas de Pero Correia, as obras de Gilberto Freyre, os manuscritos de Gabriel Soares de Sousa, entre outros. No entanto, eles observam os comportamentos dos indígenas pela ótica de comparação aos papéis de gênero pré-estabelecidos pelas sociedades europeias, havendo a atribuição de significado, em uma interpretação de imoralismo e pecado, ainda que não cunhado como homossexualidade. O autor Benhur Pinós da Costa elucida a origem do termo homossexual:

> A criação do termo homossexual, cunhado pela médica húngara Karoly Maria Benkert, em 1869, marca um modelo binário para o comportamento sexual: ou o indivíduo mantinha uma "saudável" vida sexual "hétero", ou estava preso a um transtorno chamado homossexualismo. Por esse viés, toda a sexualidade humana, no mundo moderno, estava fadada a esses dois polos ordenadores dos comportamentos sexuais. (COSTA, 2008, p. 357)

Portanto, a expressão está contextualizada em um cenário específico eurocêntrico, mas que possibilita uma melhor descrição de comportamentos que fogem da heteronormatividade – e que, quando trazida para a realidade social brasileira – não mais com

conotação patológica, torna-se homossexualidade. No contexto discursivo ao qual pretendemos alcançar, o termo é um marcador sócio-histórico, como o autor Estevão Rafael Fernandes elucida:

> Ver e/ou ser visto como "homossexual" em um contexto interétnico possui implicações políticas, ontológicas e existenciais entrelaçadas com outros marcadores – étnicos, raciais, geracionais, etc. – cujo sentido pode ser plenamente compreendido dentro das relações coloniais, interétnicas, e das relações de poder que operam dentro desses coletivos. (FERNANDES, 2017, p. 640)

Embora as diferenças culturais entre etnias e níveis de aculturação promovidos pelos europeus resultem em comunidades indígenas com comportamentos não homogêneos, o ponto de partida em comum se dá pela análise específica do período pós-colonial, em que a necessidade de movimentos indígenas LGBTQ+ não se restringe às demandas de gênero. Portanto, eles devem ser vistos e compreendidos como "fenômenos políticos relacionados à forma como sua relação com o Estado, com os próprios indígenas e com a sociedade envolvente se mantém" (FERNANDES, 2017).

Isso nos leva à escolha de retratar as vivências de ativistas indígenas LGBTQ+, por meio dos desafios de suas existências e as contradições de um processo de dominação cultural, indenitária e social, que implica em questões pertinentes até os dias atuais. Além disso, o projeto é uma possibilidade de obter narrativas sobre o assunto, que possui pouco material produzido nas Ciências Humanas e Sociais, e colocar a homossexualidade indígena e identidade de gênero na contramão da perda cultural.

1.1 Objetivos

Documentar as vivências de ativistas indígenas LGBTQ+ como um fenômeno político na construção da sexualidade e identidade na pós-colonização.

Para alcançar esse resultado, os seguintes objetivos específicos foram traçados:

a) Apurar o contexto histórico indígena pós-colonização e sua relação com a cultura ocidental, bem como o conflito entre as diferentes visões de papéis de gênero e sexualidade;
b) Identificar fontes que possuem vivências diferentes entre si, levando em consideração a sua etnia, gênero, sexualidade e relevância ativista;
c) Compreender os desafios e necessidades de pessoas indígenas LGBTQ+ diante do ambiente no qual estão inseridos, seja urbano ou de aldeia, bem como as suas motivações para serem ativistas da causa;

d) Documentar o contexto social no qual cada perfilado está inserido e as particularidades culturais provindas das relações estabelecidas com as respectivas comunidades;
e) Propor uma nova perspectiva da sociedade não-indígena para com as pessoas indígenas LGBTQ+ que vivem no Brasil;
f) Desenvolver um website acessível, amigável para aparelhos móveis e que possibilite a análise dos relatos por meio de diferentes mídias.

1.2 Justificativa

Como fundamentação teórica temática, o produto teve como ponto de partida o estudo de Estevão Fernando Tavares aponta como a modificação da sexualidade para os indígenas foi modificada ao longo do processo de colonização do Brasil, e que já existiam práticas definidas hoje como homossexuais ou LGBTQ+.

> "Homossexualidade" é aqui, portanto, usado como termo guarda-chuva para incluir as formas não heteronormadas encontradas pelo colonizador e descritas pela pena de cronistas, missionários, antropólogos, viajantes e historiadores. Nesse sentido, as descrições sobre "homossexualidade indígena" devem ser encaradas aqui muito mais como uma expressão da obsessão colonizadora com a sexualidade indígena e seu controle: seu disciplinamento (...) é parte do projeto colonial desde o início, nos esforços por incluir as coletividades indígenas ora no conjunto de súditos da Coroa de Portugal, ora à "comunhão nacional". (FERNANDES, 2016, p.16)

Como demonstração da existência de homossexuais, existem relatos históricos escritos pelos próprios exploradores europeus que estiveram no Brasil nos primeiros anos de colonização para levar às suas coroas, cartas que descrevessem sobre a "recém descoberta" terra. Fernandes (2016, p.24) também resgata esta literatura quinhentista que tem referências sobre indígenas que se relacionavam com pessoas do mesmo sexo, como viviam em seu próprio contexto e como foram condenados à morte – como foi o caso de Tibira do Maranhão, indígena "hermafrodita, no exterior mais homem do que mulher, porque tem a face e voz de mulher, cabelos finos, flexíveis e compridos" que fora assassinado em praça pública, como narra o padre francês em seus relatos "Yves D'Evreux intitulado Viagem ao Norte do Brasil" (1613-1614)":

> Junto da peça montada na muralha do Forte de S. Luiz, junto ao mar, amarraram-no pela cintura á bocca da peça e o Cardo vermelho lançou fogo á escorva, em presença de todos os Principaes, dos selvagens e dos francezes, e immediatamente a bala dividio o corpo em duas porções, cahindo uma ao pé da muralha, e outra no mar, onde nunca mais foi encontrada (D'EVREUX, 1847, p. 233)

Práticas de homossexuais entre lésbicas, por sua vez, são também narradas em relatos de um outro explorados como Padre Pero Corrêa – que veio ao Brasil em 1551 – e Pero de

Magalhães Gandavo (1576). Ambos os exploradores são lidos e pela autora Márcia Amantino:

> [Gandavo] citou o caso de algumas índias que decidiram não ter relações sexuais com homens. Isso seria, na visão do religioso, uma boa decisão, pois estaria de acordo com a ideia cristã de castidade. O grande problema era que essas índias apenas não aceitavam ter relações com homens, ainda que fossem mortas. A escolha e interesse delas eram por mulheres. Elas se dedicavam às tarefas masculinas, 'como se não fossem fêmeas'. Continuava o padre afirmando que elas cortavam os cabelos da mesma maneira que os machos, iam às guerras com seus arcos e flechas e caçavam sempre na companhia deles. Para completar, cada uma tinha uma mulher que a servia e com quem dizia ser casada. Concluía o padre que 'assim se comunicam e conversam como marido e mulher' (AMANTINO, 2011, p.19)

Desta forma, dados os relatos de homossexualidade que datam o período de colonização, temos mente que a sexualidade indígena não é exclusivamente heteronormativa, e que a "heterossexualização" do indígena foi um processo concluído dentro da prática dos exploradores em tentar assimilar os povos nativos do Brasil para dentro de seu sistema de colônia.

> A "colonização das sexualidades indígenas" – sendo a "heterossexualização indígena" uma das facetas desse processo – pode ser compreendida dentro de processos mais amplos de incorporação dos indígenas ao sistema colonial: classe, raça e sexualidade serão vistos aqui não como esferas separadas, mas como partes e contrapartes de um complexo de relações construídas social, cultural e historicamente, ratificadas por um sistema de poder que as perpassa: os processos de heterossexualização compulsória, racialização e "civilização" interpenetram-se e [re]constroem-se mutuamente. (FERNANDES, 2015, p.134)

No período pós-colonização, após todo o processo de enquadramento do indígena à mentalidade, cultura, religião e costumes do colonizador, o ser indígena e gay surge como forma de dupla resistência ao projeto de alienação étnica e de sexualidade, em contraponto a uma visão de que ser LGBTQ+ e indígena concomitantemente é uma "perda da identidade" do indígena, que parte de preconceitos pautados durante toda a opressão colonial:

> Dessa maneira, a retórica da homossexualidade enquanto "contágio" passa a adquirir um novo sentido, não mais o da perda da "identidade indígena" (pautada, neste discurso, a partir de um índio hiper-real, a-histórico), mas enquanto "poluição" ao projeto/processo civilizador: o índio gay subverte duplamente o ideal colonizador; moralmente, por sua sexualidade, e etnicamente, por sua indianidade. Acusar o indígena homossexual de "estar perdendo sua cultura", desta forma, é focar sobre uma dessas subversões, trazendo o debate para dentro da esfera dos "civilizados": esvaziando-se a diferença étnica, esvazia-se também a necessidade de se pensar as fissuras abertas pelo processo colonial. Em outros termos, a dupla exclusão (étnica e sexual) mostra as feridas causadas pela colonização em curso, obrigando a cultura hegemônica a reconhecer suas próprias contradições. (FERNANDES, 2015, p.289)

Além disso, cabe também ressaltar que foi escolhido o termo LGBTQ+ (sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queers e o mais que representam outras sexualidades que não estão expostas), em contraponto ao termo homossexual/homossexualidade.

2 GÊNERO E FORMATO

Para documentar as vivências dos ativistas indígenas LGBTQ+, o projeto é apresentado como webdocumentário, gênero que possibilita a construção narrativa aprofundada por meio dos relatos dos próprios entrevistados de modo a retratar as vivências e visibilizar a luta indígena LGBTQ+. Desta forma, visamos criar um espaço que possibilite a absorção dos conteúdos com o mínimo de intervenção jornalística, tendo como ponto de partida o uso de diferentes formatos: textos, infográficos, imagens, áudios e vídeos.

2.1 Webdocumentário

O webdocumentário (ou webjornalismo audiovisual, para alguns autores) oferece uma nova experiência ao espectador visando a profundidade das abordagens ao longo da sua leitura. Não se trata, portanto, apenas de uma transposição de conteúdos jornalísticos de um outro formato para a web, nem de somente uma disponibilização para a web de uma base de dados jornalística de um determinado veículo, mas da exploração de um site nativo desenvolvido especialmente para o ambiente web, quebrando a linearidade narrativa e deixando que esta seja construída pelo leitor (NOGUEIRA, L. 2004).

Apesar do webdocumentário tratar-se de uma variação do documentário (gênero que surge do campo do cinema), pretendemos utilizar além das produções audiovisuais. Nichols disserta um pouco sobre esta não restrição do formato documentário:

> Os documentários não adotam um conjunto fixo de técnicas, não tratam de apenas um conjunto de questões, não apresentam apenas um conjunto de formas ou estilos. Nem todos os documentários exibem um conjunto único de características comuns. A prática do documentário é uma arena onde as coisas mudam. Abordagens alternativas são constantemente tentadas e, em seguida, adotadas por outros cineastas ou abandonadas. (NICHOLS, 2005, p. 48)

Assim, o webdocumentário se utiliza de diversos formatos na totalidade de sua produção que auxiliam na construção de perspectiva do próprio usuário. Um exemplo para demonstrar esta interatividade entre os recursos mencionados se encontra nas reportagens feitas pelo UOL TAB, como analisa Alexandre Lenzi, ao relacionar os conteúdos multimidiáticos aos critérios propostos por Salaverría:

> Salaverría (2014) indica alguns critérios que facilitam a coordenação de elementos multimídia na composição do material informativo. São eles: 1) compatibilidade (usar elementos cujo seguimento simultâneo possa ser realizado sem esforço para o público em geral, sem que exista uma competição pela atenção do internauta que acabe dispersando-o), 2) complementaridade (união de elementos que se enriqueçam mutuamente), 3) ausência de redundância (um certo grau de repetição é aceitável e até desejável, mas a excessiva redundância aborrece o público), 4) hierarquização (determinar qual é a linguagem que melhor se adequa à transmissão de cada peça do conteúdo), 5) ponderação (para limitações, como tempo, espaço, velocidade da internet, entre outras) e 6) adaptação (respeito básico à plataforma

> on-line, com uso de tipografias, cores e dimensões espaciais próprias do meio). No caso do UOL TAB, destacamos o respeito a estes princípios, com destaque para a preocupação com a complementariedade, com a ausência de redundância e com a adaptação ao formato. (LENZI, 2016, p.167)

Além disso, um outro aspecto essencial para caracterizarmos o produto como webdocumentário está na não-linearidade narrativa. De acordo Marcelo Bauer (2011, p. 94), "o internauta assume parcialmente a função do montador. (...) montando assim o seu próprio significado da obra. Cabe ao webdocumentarista, no entanto, criar as condições para que o internauta consiga absorver esse conteúdo da melhor forma possível. "

A união destas características, que une o gênero documental à plataforma web e a utilização de diversos formatos multimídia, de forma a criar uma narrativa não-linear para se retratar um tema, é o que sintetiza a produção do webdocumentário. Olivier Crou complementa essa ideia:

> Esse tipo de narrativa se difere de projetos feitos para TV ou para o cinema (em grande número lineares), que encontram na internet mais um espaço de divulgação, pois pode ser considerado "uma espécie de extensão do que são os CD-ROM ou DVD-ROM: uma obra que utiliza as tecnologias da web e seus diferentes recursos multimídia. [...] O modo de narração dos webdocumentários é concebido de maneira que o leitor/espectador navegue pela interface de forma totalmente delinearizada. É ele quem conceberá de maneira única seu percurso pelo webdocumentário (CROU, 2012)

2.2 Perfil

Para o produto, escolhemos contar as histórias por meio de perfis para buscar o aprofundamento de diversos aspectos da vida dos entrevistados, de forma que o leitor possa imergir na vivência de cada uma das fontes e ter um melhor conhecimento sobre como vivem os indígenas LGBTQ+ no Brasil em partes diferentes do país. Sergio Villas-Boas conta um pouco sobre como a leitura de um perfil pode impactar o leitor:

> Quantas e quais partes um perfil jornalístico pode conter para ficar retido na memória do leitor? Quatro partes também, a meu ver, porém um pouco mais abstratas: lembrança, espaço, circunstância e interação. Da lembrança flui a história de vida; o espaço é a geografia do encontro – a tela do portrait, digamos; a circunstância representa o tal "momento significativo" a que se referiu Cartier-Bresson; e a interação é o que leva a uma expressão (facial, gestual, opinativa etc). (VILLAS BOAS, 2003, 20)

Desta forma, estas quatro partes estiveram presentes tanto durante a entrevista direta em perguntas e respostas, como também na observação do local geográfico situado e a interação da fonte com este contexto. Para a lembrança, se fizeram presentes elementos e relatos que pudessem contar sobre os momentos do passado do entrevistado, como sua infância e o momento de descoberta sobre sua sexualidade. O espaço geográfico foi o local (aldeia ou cidade) onde cada um dos perfilados reside (com exceção do perfil da Jéssica

Gomes, que também foi retratado um espaço a mais, que recebia um evento no qual ela participava), revelando assim as formas de interação com outras pessoas e com o próprio ambiente em que se vive.

A atualidade foi a circunstância dos perfis, cada um dos entrevistados estava atendendo a um "momento significativo" diferente que se dizia respeito à cultura indígena: Deltino estava em uma festividade entre indígenas na aldeia do Canoanã; Neimar estava apresentando sua tese de mestrado em um simpósio de estudos acadêmicos sobre indígenas; Jéssica estava em um evento de três dias que reunia todas as etnias indígenas do Ceará em um só lugar. Por fim, a interação se deu com o marcador da regionalidade, da etnia, e suas características – como o sotaque, a língua, os costumes locais – que são evidenciadas durante as narrativas de forma a manter a abordagem documental, evitando modificar o conteúdo capturado.

2.1 *Longform*

No que se diz respeito à linguagem textual, opta-se por seguir o jornalismo longform, ou seja, um relato aprofundado que reúne elementos além do padrão cotidiano jornalístico e a construção de narrativas que chamam atenção, aliada aos elementos multimídias. (FISCHER, 2013). A linguagem *longform* é reconhecida por estar presente no jornalismo impresso, mas reaparece no jornalismo multimidiático e resgata a abordagem aprofundada:

> Produtos multimidiáticos webjornalísticos envolvendo slideshows, especiais multimídia, infografia online, por exemplo, se renovam a partir do final da década de 2000, e consolidam esse tipo de formato expressivo enquanto gênero específico do webjornalismo, herdeiro da grande reportagem do impresso. Ao comparar GRMs e especiais multimídia, Longhi afirma que o longform é uma evolução do texto jornalístico no ambiente online, especialmente após a estabilização do HTML5 nesse tipo de produção (LONGHI, 2015 p.9)

3 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

Aqui, as etapas para a realização do projeto Perudá serão abordadas. O trabalho foi concebido ao longo de seis meses e passou pela seleção de fontes, delimitação de um cronograma de produção, levantamento dos custos para cada uma das viagens, estudo detalhado das culturas de cada etnia, análise prévia das regiões e espaços visitados, produção de pautas, organização dos materiais e equipamentos necessários para cada roteiro, desenvolvimento de identidade visual própria e concepção do website.

3.1 Cronograma

Ao longo dos meses de produção, o projeto foi dividido em fases necessárias para alcançar o resultado final planejado. Para isso, seguimos o cronograma abaixo com as atividades descritas, o mês de início e o mês de término (ou entrega):

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES		
Mês de Início	Mês de entrega	Descrição da atividade
Maio	Outubro	Leitura bibliográfica sobre o contexto histórico indígena pós-colonização e sobre papéis de gênero e sexualidade indígena
Maio	Agosto	Seleção e contato com as fontes
Julho	Julho	Elaboração das pautas de acordo com seu contexto, gênero, sexualidade e etnia
Agosto	Outubro	Desenvolvimento do website
Setembro	Outubro	Entrevista com os perfilados
Setembro	Outubro	Fotografia e gravação de vídeos com os perfilados
Outubro	Outubro	Redação dos textos
Outubro	Outubro	Decupagem do material sonoro e audiovisual
Outubro	Outubro	Edição do material fotográfico e audiovisual
Outubro	Outubro	Revisão dos textos redigidos
Outubro	Outubro	Publicação do website com todos os conteúdos finalizados

3.2 Seleção dos perfilados

A seleção das fontes perfiladas começou em Maio de 2019, e se deu por meio de 3 critérios:

1) O reconhecimento do perfilado como descendente indígena;

2) O reconhecimento do perfilado como pessoa LGBTQ+;

3) A atividade e movimentação ativista em relação à causa indígena e LGBTQ+ por parte do perfilado, seja esta dada por meio da atividade direta em movimentos sociais ou em impactos mais locais de reconhecimento e influência entre as pessoas mais próximas.

Além disso, para a seleção dos perfilados, também foram selecionadas fontes que representam sexualidades, etnias e contextos sociais diferentes entre si, para uma a maior variedade temática e de relatos.

O contato foi realizado entre maio e outubro por meio das redes sociais, utilizando a barra de pesquisa do Instagram pelas *hashtags* “indígena”, “lgbt”, “twospirits”, “tibira” e “visibilidade indígena”. Após a identificação dos perfilado, o contato foi feito através das próprias ferramentas de mensagens das redes sociais, por onde o projeto e o convite para participar foi feito. Também foi feita a busca por materiais jornalísticos recentes que utilizam indígenas LGBTQ+ como fontes, além do perfil @indigenaslgbt no Instagram, que reúne breves relatos de pessoas deste grupo social. O planejamento das viagens até cada uma das fontes, que ocorreram todas no mês de setembro, também foi feito através de conversas individuais com cada um deles.

3.3 Elaboração das pautas

A existência de uma pauta jornalística se justifica pela necessidade de organização e “primeira filtragem do caos ecossistêmico” (HENN, 1996, P.86). De acordo com Henn, “a pauta traduz e seleciona acontecimentos segundo sistema de valores codificados tanto no jornalismo como na sociedade” (1996, p.94). Sendo assim, a nossa pauta jornalística será elaborada para cada um dos perfilados visando organizar as informações de acordo com os seguintes tópicos:

1) Informações gerais do perfilado: Nome, etnia, sexualidade, identificação de gênero e contexto social em que vive (aldeado ou urbano);
2) Breve contexto sobre o perfilado: local onde vive, ocupação, rotina diária e ativismo;
3) Questões básicas a se fazer ao entrevistado, baseadas no contexto presente no item 2, para guiar a entrevista junto à temática central do webdocumentário;
4) Locais onde serão feitas as entrevistas, fotografias e gravações de vídeos – é importante que estes lugares digam ou signifiquem algo sobre o perfilado;
5) Evento de interesse: um acontecimento, ocorrência programada onde vamos acompanhar o perfilado em alguma atividade em que está acostumado a fazer e que diga algo a respeito do entrevistado, como um dia no trabalho, uma reunião na aldeia ou qualquer outra atividade rotineira.
6) Pessoas de interesse: Pessoas que fazem parte da vida do entrevistado que podem auxiliar na construção narrativa do perfil: amigos próximos, familiares, membros da aldeia ou colegas de trabalho.

As pautas foram feitas e organizadas para que se tivesse em mãos uma contextualização prévia, servindo como uma ficha das possibilidades narrativas que se cabiam em cada um dos perfilados. No entanto, ao longo das viagens, foi natural que se

encontrassem elementos e acontecimentos que estavam para além da pauta - imprevistos que influenciaram na construção de um texto que não se poderia prever de antemão.

3.4 Viagens

Todas as viagens aconteceram durante o mês de setembro. No dia 4, o grupo tomou carona de Bauru até São Paulo, onde da rodoviária do Tatuapé pegaram o ônibus no dia 5 até Gurupi, no Tocantins. Chegando na cidade, após aproximadamente 25 horas de viagem, tomaram um outro ônibus com destino a Formoso do Araguaia, onde se hospedaram em um hotel até o dia seguinte. De manhã, pegaram um táxi até a aldeia Canoanã, onde encontraram com Deltino e ficaram com ela entre os dias 7 e 9. Assim como a perfilada, o grupo também acampou.

Para Campo Grande, o grupo partiu da rodoviária de Bauru (SP) na noite do dia 14, chegando na capital do Mato Grosso do Sul no dia 15. Lá ficaram hospedados em hotel. Retornaram a Bauru no dia 20 de setembro.

Por fim, para ir a Fortaleza, no Ceará, o grupo novamente tomou carona até São Paulo, tomando o avião para a capital cearense no dia 26. Ao desembarcarem, foram direto para Caucaia, onde Jéssica estava com o evento Herança Nativa. Ficaram hospedados em hotel. Ao final do evento, o grupo foi junto com a perfilada para a sua cidade natal, Crateús, onde ficaram até dia primeiro de outubro.

3.5 Observação e gravação de entrevistas

Para coleta de informações e de elementos que foram introduzidos na narrativa, foram utilizadas duas ferramentas essenciais para a construção do conteúdo: a observação e a entrevista. A observação aconteceu principalmente através da presença física dos repórteres, acompanhando o perfilado aos lugares em que costuma ir, as pessoas que têm contato e a rotina própria de cada um em determinado contexto e localização física. Estes estudos de cotidiano, que foram praticados durante todo o tempo enquanto diante das fontes, introduziram uma construção textual que pudesse documentar não só o perfilado e suas particularidades em detalhes, mas também a interação com o ambiente – que está presente em cada uma das histórias.

As entrevistas foram a principal ferramenta de trabalho para a coleta de relatos das pessoas selecionadas. O produto documentou, em linhas gerais, os relatos dos perfilados com base em suas vivências como indígena LGBTQ+ inseridos nos ambientes indígenas de aldeia, da sociedade urbana em geral, da comunidade LGBTQ+ e, também, da própria aceitação de

sua etnia e orientação sexual, além é claro de outras particularidades de cada uma das fontes – que também foram exploradas durante as perguntas. Como Cremilda Medina (1986, p. 8) aponta, a entrevista serviu como ferramenta de interação social, buscando quebrar isolamentos sociais – sempre respeitando os costumes e culturas vinculadas ao grupo indígena a qual pertence o entrevistado. Para isso, foram necessárias viagens intermunicipais e interestaduais, realizadas de ônibus, de carona (agendadas via aplicativos) e de avião.

As entrevistas foram registradas a partir de fotografias e gravações de áudios e vídeos, focada na perspectiva dos próprios entrevistados. As gravações feitas através da utilização de uma câmera DSLR modelo EOS 600D, com captura do áudio feita através do celular modelo iPhone 7, junto com um microfone de lapela. No entanto, a câmera só foi utilizada para gravação de vídeo na entrevista da Deltino. Para os outros perfilados, foi tirada a conclusão de que o celular iPhone 7 Plus capturaria melhor os vídeos.

Todos os vídeos sem edição foram carregados na nuvem do Google Fotos. Em outubro, ao retornar das viagens até os perfilados, iniciou-se o processo de edição e tratamento dos vídeos, que foi feito através do *software* Adobe Premiere. Os áudios, por sua vez, foram editados no Audacity.

3.6 Fotografias

As fotografias também foram recurso importante para a construção narrativa e para ilustrar os ambientes, atividades e detalhes em cada um dos perfis. Para fotografar, foi utilizada uma câmera fotográfica DSLR Canon 600D, equipada com a lente padrão 18-55mm, para cliques mais gerais, e também com a lente 100mm – para fotografias com um resultado mais aproximado e detalhado. Também utilizamos do recurso da câmera dos celulares iPhone 7 e iPhone 7 Plus para captura de imagens.

Durante as visitas, o foco principal das fotografias estava em capturar o ambiente em que vivem, as pessoas com que têm contato, e as atividades feitas ao longo da rotina, assim, ilustrando o máximo de situações possíveis do perfilado, documentando a vivência de cada um e não somente a pessoa, como seria feito em ensaios fotográficos. As imagens também foram carregadas na nuvem e o tratamento foi feito por meio da extensão para Google Chrome Polarr Photo Editor.

3.7 Produção textual

A produção textual foi feita concomitantemente à edição dos vídeos, no período de outubro, após o término das viagens. A redação se deu junto com a leitura dos outros

conteúdos que haviam sido produzidos, como as fotos e os vídeos, para que haja o mínimo de redundância possível entre texto e elementos midiáticos, e que texto possa complementar foto e vídeo e vice-versa.

Os textos foram redigidos no Google Docs, que permitiu que mais de uma pessoa pudesse escrever e editar o mesmo arquivo salvo em nuvem, com atualizações simultâneas. Após redigidos, os textos passaram por uma posterior revisão para checagem de erros ortográficos e gramaticais e uma análise sobre o conteúdo elaborado a partir das falas dos perfilados para conferir as informações coletadas nas entrevistas.

3.8 Publicação do Website

A identidade visual do website, que inclui logos, cores e fontes, foi elaborada pelo grupo, tendo em mente elementos que remetessem tanto aos elementos indígenas quanto também à causa LGBTQ+. A logo foi desenhada no Adobe Illustrator e conta com uma fecha, relacionando à cultura de caça, enquanto as penas trazem as cores presentes na bandeira LGBTQ+. Já as cores, foram definidas com base em tonalidades presentes em adereços indígenas constituídos de penas de arara, ou pigmentados naturalmente. Escolhemos Cabana por ser uma fonte cursiva que faz lembrar pinturas, remetendo assim às pinturas corporais. Para os textos, escolhemos Raleway por ser uma fonte Sans Serif – o que auxilia a leitura no ambiente web – e ter um bom equilíbrio entre aspectos garrafais e quadrados.

Por estarmos produzindo textos em formato Longform, é importante que haja um balanço nos tamanhos usados para as fontes que torne a leitura agradável aos olhos sem necessidade de rolar para baixo excessivamente. Vamos avaliando isso conforme processo.O desenvolvimento do website foi realizado por uma webdesigner, seguindo as orientações dadas pelo grupo. Após a coleta dos materiais de cada perfilado, foram construídos três esqueletos para as respectivas páginas. Neles, foram indicados o tipo de mídia a ser utilizada e o assunto a ser abordado, definindo, a ordem de leitura e possibilitando a visualização da webdesigner em relação aos recursos necessários.

Assim, o webdocumentário foi publicado em um website desenvolvido especificamente para este projeto. Por se tratar de um webdocumentário com um apelo multimidiático, optamos pela ferramenta de desenvolvimento Webflow, que possibilita a construção de sites responsivos e com uma boa dinâmica entre texto e audiovisual.

Para disponibilizar os conteúdos para que a webdesigner pudesse carregar os textos, as imagens e os vídeos de maneira adequada no *template* desenvolvido, os materiais finalizados foram carregados em uma pasta compartilhada do Google Drive com as devidas

indicações em cada arquivo. Após a hospedagem do projeto no site previamente desenvolvido, ele será de acesso aberto, de modo a garantir uma boa difusão e acessibilidade de todo conteúdo apresentado.

4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Nesta seção, serão abordados os aspectos relacionados ao produto, bem como os objetivos alcançados. Além disso, a análise financeira será feita com base na viabilidade econômica para execução e aplicação do projeto, levando em consideração a produção acadêmica e independente.

4.1 Público-Alvo

A temática indígena é de amplitude nacional, visto que em todas as regiões brasileiras existem etnias indígenas e suas expressões. Logo, o webdocumentário não se restringe a um público alvo de uma determinada região, mas – acredita-se – atingirá qualquer pessoa que tenha interesse nas pautas sobre indígenas, sobre movimento e ativismo LGBTQ+ e direitos humanos. O produto estará disponível para acesso livre, de forma a alcançar o maior número de pessoas possível.

4.2 Viabilidade econômica

Para poder viabilizar o projeto economicamente, foi elaborado uma campanha de financiamento coletivo através da plataforma do Catarse. Até o momento da finalização do projeto, a campanha arrecadou R$ 520,00 dos R$ 6.000,00 da meta final estimada no início do projeto e os doadores foram recompensados com brindes do projeto. Dessa forma, o financiamento não funcionou como o esperado, visto que ainda não é um hábito a doação por *crowdfunding*, principalmente a projetos iniciantes.

Assim, ao longo da elaboração do projeto, a possibilidade de financiamento por meio de editais públicos e privados mostrou-se mais viável, além de permitir que pudessem haver parcerias com empresas no apoio financeiro.

- Link para o financiamento coletivo do projeto: catarse.me/indigenaslgbt

4.3 Circulação

Todo o material do webdocumentário Perudá está disponível no endereço eletrônico que hospeda o website. Além disso, o material de vídeo também está disponível em seu canal do YouTube. O produto pode ser acessado por qualquer pessoa que tenha acesso a internet:

- Website: peruda.com.br
- Youtube: bit.ly/YoutubePeruda

4.4 Custos de implantação

Para implantação e realização do projeto, o grupo teve gasto total de R$ 6.196,72 entre compra de passagens, hospedagens em hotéis, hospedagem do site, webdesigner e transportes urbanos. As despesas foram distribuídas entre os dois integrantes de acordo com o descritivo na tabela abaixo.

VALOR	DESCRIÇÃO	LOCAL
R$ 80,00	Hospedagem	Tocantins
R$ 1.921,93	Transporte	Tocantins
R$ 432,00	Hospedagem	Campo Grande
R$ 557,77	Transporte	Campo Grande
R$ 361,68	Hospedagem	Ceará
R$ 1.833,15	Transporte	Ceará
R$ 824,40	Website	
R$ 185,79	Domínio e Hospedagem	
TOTAL: R$ 6.196,72		

4.5 Descrição do produto final

O produto final é um website com todos os conteúdos, somando-se um total de cinco páginas: página inicial com links para as entrevistas e vídeo introdutório, “O Projeto” – que conta com as informações dos projeto, produção, viagens e agradecimentos – e as três entrevistas com seus textos, áudios, vídeos e fotografias. As páginas foram desenvolvidas para terem design responsivo, que interaja com a tela que é acessada, de forma a permitir a leitura em diferentes tipos de dispositivos.

O website foi desenvolvido com template próprio desenvolvido junto a uma webdesigner contratada. Na página “Amigas em Canoanã” encontra-se o perfil da Deltino, mulher trans da etnia Javaé que foi entrevistada na aldeia do Canoanã – na Ilha do Bananal em Tocantins. Em “A gralha na cidade” está o perfil do Neimar, indígena gay da etnia

Boe/Bororo que reside em Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul. Na página intitulada “O batuque do Toré” está o perfil de Jéssica Gomes, indígena lésbica da etnia Potyguara que reside na aldeia de São José, em Crateús, interior do Ceará.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto tem vários pontos de partida. Ao elaborar este webdocumentário, é possível retratar a realidade de grupos indígenas distintos e pessoas que correspondem a três letras diferentes da sigla LGBTQ+, tendo como intenção primária o fomento ao debate e a promoção de empatia por parte de quem lê. Pelo critério de relevância jornalística, o Perudá é uma iniciativa inédita pela forma com que aborda o tema, bem como pela imersão que propõe.

O jornalismo como ferramenta de transformação social, por meio da informação, está no dever de contar as histórias que não chegam a todo mundo, os acontecimentos que – por mais que às vezes digam respeito à individualidade – dizem respeito às realidades que são presentes e existentes, e são sobre pessoas. Deixar histórias permanecerem no desconhecimento é desvalorizar a riqueza de narrativas que a extensão do país permite.

Cada um dos perfilados tem a sua própria vivência, visão de mundo e cultura, narradas ao longo do webdocumentário. Foram muitas horas se transportando de um lugar ao outro do país, viagens cansativas e muitos momentos de espera em terminais de ônibus. A grande variedade de mídias trabalhadas fez com que tivéssemos uma preocupação especial com equipamentos e, portanto, carregássemos sempre mais algumas malas para roupas e alimentos.

Durante as viagens, as dificuldades técnicas surgiam naturalmente, como falta de tomadas para carregar equipamentos, microfones que pararam de gravar e caminhos desconhecidos que fugiram das intermináveis rotas. Dada a variedade de formatos que o projeto se utiliza, a necessidade de organização foi inevitável para que pudéssemos ter todos os materiais concentrados em uma única plataforma. Muitos arquivos precisaram ser convertidos para extensões mais palpáveis para a edição, como foi o caso das fotos, dos áudios e principalmente dos vídeos – que são arquivos mais pesados e, portanto, acabaram por demandar mais tempo ao longo da fase de montagem. Junto a isso, uma outra dificuldade encontrada foi na tomada de decisão sobre quais seriam os conteúdos a serem utilizados, como seriam colocados e de forma interagiriam entre si para oferecer uma leitura complementar e sem redundâncias.

O maior desafio encontrado durante nosso trajeto, no entanto, foram as barreiras regionais e culturais de um país vasto e diversificado. Primeiro, o fato do perfilado e pessoas do seu ciclo social serem indígenas, que possui uma carga aquém da sociedade branca em aspectos históricos, linguísticos, gastronômicos e modo de viver. Segundo, a regionalidade traz consigo também outros costumes locais, frente a país multifacetado. Sair do estado de São Paulo e conhecer regiões fora do eixo dos grandes centros urbanos, são experiências riquíssimas de aprendizagem e, principalmente, de oportunidades – seletivas devido as localidades em que as histórias acontecem.

Mais do que remeter a um grupo social brasileiro originário, o Perudá insiste em ressaltar que os indígenas não podem ser retratados apenas como uma lembrança de um passado distante e colonial. O indígena é presente e resiste a mais de quinhentos anos, sobrevivendo às violências proveniente das diferentes formas de domínio econômico, social e político.

REFERÊNCIAS

AMANTINO, Márcia. “E eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas”. DEL PRIORE, Mary e Márcia AMANTINO (Orgs). **História do corpo no Brasil**. S. Paulo, Unesp. 2011.

BOAS, Sergio Vilas. **Perfis e como escrevê-los**. Summus Editorial, 2003.

COSTA, Benhur Pinós da. Reflexões sobre geografia e homoerotismo: representações e territorialidades. In: SERPA, A., org. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações** [online]. Salvador: EDUFBA, pp. 355-390. 2008

CROU, Olivier. **Qu’est-ce que le webdocumentaire?’**. 2012.

FERNANDES, Estevão Rafael. **"Existe índio gay?": a colonização das sexualidades indígenas no Brasil**. 2ª edição. Brazil Publishing, 2019.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Descolonizando sexualidades: Enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos**. Universidade de Brasília. 2015.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Homossexualidade indígena no Brasil: Um roteiro histórico-bibliográfico.** Dept. de C. Sociais/ Univ. Fed. de Rondônia. 2016.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Ser índio e ser gay: tecendo uma tese sobre homossexualidade indígena no Brasil.** Centro em Rede de Investigação em Antropologia Lisboa, Portugal. 2017.

GOMES, AR.; NOVAIS, SN. Práticas sexuais e homossexualidade entre os indígenas brasileiros. In: **Caderno Espaço Feminino** - Uberlândia-MG - v. 26, n. 2 - Jul/Dez. 2013.

HENN, ROLANDO. **Pauta e notícia**. Editora da ULBRA, 1996.

LENZI, Alexandre. Multimidialização como valor-notícia de construção: a experiência do UOL TAB. **Revista Latino-americana de Jornalismo**| ISSN, v. 2359, p. 375X, 2016.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. O lugar do longform no jornalismo online: Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. In: **XXIV ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS.** Brasília: UCB/Compós, 2015.

MEDINA, Cremilda de A. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1986.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Papirus Editora, 2005.

NOGUEIRA, Leila. O jornalismo audiovisual on-line e suas fases na web. **In: Congresso Iberoamericano de Periodismo en Internet**. 2004.

VAINFAS, Ronaldo. **Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira**. Tempo, Rio de janeiro. 1999.

APÊNDICES

Pautas desenvolvidas

- Deltino

<table>
<tr><td>Pauteiro: DANIEL SAKIMOTO</td><td rowspan="2">Data Pauta: 19/08/2019

Data Produção e entrega: 08/10/2019

Data prevista de veiculação: 18/10/2019</td></tr>
<tr><td>Título da Pauta: O T DE LGBTQ+</td></tr>
<tr><td colspan="2">Perfilado: DELTINO</td></tr>
<tr><td>Idade: 29
Etnia: JAVAÉ
Gênero: TRANSSEXUAL
Orientação Sexual:
Contexto Social: ALDEADA</td><td>Sobre: Para a integridade do produto, também se faz necessária uma angulação que aborde as dificuldades e vivências de um/uma indígena trans. DELTINO é uma mulher trans do Tocantins que se tornou professora em sua aldeia.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Encaminhamento/enfoque: Como é a relação entre a perfilada e sua aldeia, em relação à religiosidade, à comunidade LGBTQ+ e ao seu ambiente de trabalho, tanto por ser indígena quanto por ser trans?</td></tr>
<tr><td>Locais de entrevista: Residência/aldeia, ambiente de trabalho, no acampamento</td><td>Captação de imagens: Capturar relatos, vivências cotidianas, se trocando, conversando com conhecidos e amigos, em descontração.</td></tr>
<tr><td>Eventos de interesse: Reunião entre aldeias Javaé em um acampamento.</td><td>Pessoas de interesse: Familiares, membros da aldeia, amigos e parceiro(a) se houver.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Elementos gráficos: Fotos e vídeos dos relatos, imagens em gif, imagens em 360 graus, infográfico sobre violência contra indígenas e LGBTQ+</td></tr>
<tr><td colspan="2">Links úteis:
http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/580576-documentario-niima-vai-contar-a-historia-das-travestis-indigenas
https://www.youtube.com/watch?v=AXTz6qYW4xY
https://www.nationalgeographicbrasil.com/portfolio/2018/04/mulheres-indigenas-trans-encontram-refugio-nas-fazendas-de-cafe-na-colombia</td></tr>
</table>

Roteiro de perguntas:

- Como o seu gênero afeta as suas atividades e rituais dentro da aldeia?
- Como se deu o processo de transição?
- Qual foi a recepção da sua aldeia/familiares?
- Como foi o processo de busca de um emprego em ambiente urbano?
- A sua etnia ou religiosidade diz algo em respeito à mudança de sexos ou transsexulidade?
- Como é a sua relação com a suas lideranças?
- Por quem você milita?

- Neimar

Pauteiro: Maria Gabriela Zanotti	**Data Pauta:** 19/08/2019
Título da Pauta: o Gay de LGBTQ+	**Data Produção e entrega:** 08/10/2019 **Data prevista de veiculação:** 08/10/2019
Perfilado: Neimar Leandro Marido Kiga	
Idade: 23 **Etnia:** BOE/BORORO **Gênero:** CIS **Orientação Sexual:** GAY **Contexto Social:** URBANO	**Sobre:** Vem da aldeia Meruri no Mato Grosso, localizada nos municípios de General Carneiro e Barra do Garças (442 Km de Cuiabá). É designer e faz mestrado em Antropologia Social pela UFMS, em Campo Grande - MS (870 Km de sua terra de origem).
Encaminhamento/enfoque: Como é a presença do entrevistado na universidade, como a militância se constrói nesse ambiente e a invisibilidade do tema dentro desse espaço.	
Locais de entrevista: Casa de amigos e a própria cada do entrevistado, ambientes da universidade e locais que o entrevistado frequenta na cidade.	**Captação de imagens:** Plano fechado, plano aberto, detalhes, atividades rotineiras, conversas, interações sociais, momentos de fala, sala de aula, estudos, campus, casa
Eventos de interesse: Seminário dos Povos Indígenas (UFMS), Estágio Docência na Universidade	**Pessoas de interesse:** Amigos, professor orientador, alunos, colegas de casa, família, membros da mesma etnia.
Elementos gráficos: Vídeo, infográficos [número de indígenas nas universidades no Brasil, a história da população Boe], áudio, colagem, fotos	
Links Úteis: **https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3767** **https://www.youtube.com/watch?v=yJZ3oe1SGBs** **https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bororo**	

Roteiro de perguntas:

- Como é a visão da sexualidade em sua etnia?
- Você revelou à comunidade a sua orientação sexual?
- Há outros indígenas LGBTQ+ em sua aldeia? Como é a sua relação com eles?
- Vocês costumam conversar sobre esse assunto dentro da comunidade?
- Já houve alguma relação homoafetiva na história de seu povo?
- Por que você deixou a sua aldeia?
- Muitas pessoas do seu povo vão para a faculdade?
- Como é a sua relação com a universidade?
- Você já enfrentou preconceito ao longo da sua formação acadêmica?
- Como você tem pautado a questão indígena e LGBTQ+ no ambiente universitário?
- Há uma organização indígena dentro da UFMS e/ou Campo Grande?
- Como foi o processo de identificação da sua orientação sexual?
- Como surgiu a ideia do projeto no Instagram, @indigenaslgbt?

- Jéssica

Pauteiro: DANIEL SAKIMOTO	**Data Pauta:** 19/08/2019 **Data Produção e entrega:** 08/10/2019
Título da Pauta: O L DE LGBTQ+	**Data prevista de veiculação:** 18/10/2019
Perfilado: JESSICA GOMES	
Idade: 21 **Etnia:** Potyguara **Gênero:** MULHER **Orientação Sexual:** LÉSBICA **Contexto Social:** ALDEADA	**Sobre:** JESSICA GOMES é natural do Ceará, liderança indígena lésbica e fundadora de um coletivo indígena LGBTQ+ (Caboclo).
Encaminhamento/enfoque: Durante este perfil, traremos uma abordagem mais fechada na relação entre a perfilada e a sua aldeia, bem como as atividades exercidas dentro deste contexto relacionadas à sua sexualidade.	
Locais de entrevista: Ambiente da aldeia e Herança nativa	**Captação de imagens:** Captar falas da entrevista, detalhes, atividades diárias, interação com a aldeia.
Eventos de interesse: Herança Nativa - reunião entre diversas etnias que ocupam o Ceará.	**Pessoas de interesse:** Familiares (principalmente pai e mãe), amigos e parceira se houver.
Elementos gráficos: vídeos e fotografias retratando suas falas e cotidiano; infográfico sobre saúde feminina nas aldeias.	
Links úteis: https://ufmg.br/comunicacao/noticias/forum-debate-questoes-sobre-a-saude-da-mulher-negra-indigena-trans-e-lesbica https://www.dicionarioinformal.com.br/çacoaimbeguira/	

Roteiro de perguntas:

- Como foi a aceitação da sua sexualidade dentro da aldeia?
- Como é a sua relação com a comunidade LGBTQ+ fora da aldeia?
- Antes de você, você já tinha conhecimento de alguma outra mulher lésbica dentro da sua aldeia ou em aldeias próximas?
- Como tomar a frente de sua aldeia?
- Quem é o objetivo da sua militância?
- Como foi esse processo de se identificar como lésbica?
- De que forma a sua sexualidade afeta a forma como você participa das atividades da aldeia e religião?
- Como funciona a união entre pessoas LGBTQ+ na sua etnia?

Modelo de Termo de Cessão de uso de imagem utilizado

TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE IMAGEM PARA DIVULGAÇÃO

Pelo presente instrumento particular, eu _____ (nome completo), _____, identidade _____, CPF _____, residente e domiciliado em _____ (cidade, endereço); neste ato, por si, ou representando assistindo o menor _____ (nome completo do menor) nascido em _____/_____/_____, doravante denominado de CEDENTE, autoriza, de forma GRATUITA aos Jornalistas **DANIEL BIANCHI SAKIMOTO (CPF: 466.065.588-16) e MARIA GABRIELA ZANOTTI DE ATAÍDE (CPF: 412.642.478-42)**, atualmente estudantes do curso de **COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO** na **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP) – CAMPUS BAURU**, doravante denominada CESSIONÁRIA, a utilização de sua imagem obtida por fotografias, áudios ou filmagens nas atividades públicas promovidas pela CESSIONÁRIA, para fins de divulgação, testemunho de experiências ou de colaboração com as atividades da CESSIONÁRIA, registro histórico, ou qualquer outro fim, cujo uso pode se dar através de divulgação pública ou privada, sempre gratuita, compreendendo, sem restrições, revistas, jornais, páginas da internet, vídeos, gravuras e outros meios de comunicação cujo objetivo seja a atividade jornalística.

Fica a CESSIONÁRIA desde já autorizada a ceder os presentes direitos a outras entidades e organizações, total ou parcialmente, sem a necessidade de notificação ou interpelação do CEDENTE.

Fica eleito o Foro Central da Comarca de Bauru-SP para dirimir eventuais questões suscitadas pelo presente termo.

_____, dia_____ de _____ de 2019

_____

CEDENTE/Representante Legal

Lista de referências de outros sites.

Snowden SNA Files: https://www.theguardian.com/world/interactive/2013/nov/01/snowden-nsa-files-surveillance-revelations-decoded

2015 Dangerous Jobs: http://www.bloomberg.com/graphics/2015-dangerous-jobs/

2016 Millenium Generation in congress: http://www.bloomberg.com/graphics/2016-millennial-generation-in-congress/

Air BnB Impact in San Francisco: http://www.sfchronicle.com/airbnb-impact-san-francisco-2015

SnowFall (exemplo clássico) http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/?mcubz=0#/?part=tunnel-creek

Como fizeram o SnowFall: https://source.opennews.org/articles/how-we-made-snow-fall/

Uol TAB como um todo: https://tab.uol.com.br/indice/

UOL TAB Economia Compatilhada: https://tab.uol.com.br/economia-compartilhada/

UOL TAB Crowdfunding: https://tab.uol.com.br/crowdfunding/

UOL TAB Robôs: https://tab.uol.com.br/robos/

Um Mundo de Muros: http://arte.folha.uol.com.br/mundo/2017/um-mundo-de-muros/

Censo de 1872 - O retrato do Brasil na Escravidão: https://www.nexojornal.com.br/especial/2017/07/07/Censo-de-1872-o-retrato-do-Brasil-da-escravid%C3%A3o

Longreads (curadoria): www.longreads.com

Histórico de violência e repressão policial: http://apublica.org/2014/07/documentos-revelam-historico-de-violencia-de-oficiais-que-reprimiram-protestos-no-rio/

A Batalha de Belo Monte: http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/

Dossiê Comunica que Muda (dados): http://dossie.comunicaquemuda.com.br/suicidio/2-dados-gerais-sobre-o-monitoramento/

Tangier Island - http://projects.aljazeera.com/2014/tangier-island/

Rio de Lama - https://www.riodelama.com.br/

Monitor da Violência G1: goo.gl/uyFnR6content_copyCopy short URL

Órfãos da cana (Folha de S. Paulo): goo.gl/1QN5TFcontent_copyCopy

Tá Querendo O Quê? - Os Bastidores Do Brega Funk No Recife: http://www.unicap.br/webjornalismo/taquerendooque/site/

Recife, A Capital Brasileira Da Desigualdade: http://curiosamente.diariodepernambuco.com.br/as-cidades-dentro-do-recife/

Make Music Now: A Geração Da Música Eletrônica Que Viu Acontecer:http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2017/04/09/make-music-now-a-geracao-da-musica-eletronica-que-viu-acontecer-277595.php

Raízes da intolerância: http://especiais.ne10.uol.com.br/raizes-da-intolerancia/

Pão Nosso De Cada Dia: http://especiais.leiaja.com/paonosso/

Majestades: Entre Sonhos E Castelos: http://blogs.diariodepernambuco.com.br/majestades/

Ideias Que Sobrevivem Ao Tempo - Arraes, 100 Anos: http://blogs.diariodepernambuco.com.br/arraes100anos/arraes/

Agreste Seco: http://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/agreste-seco/

Em Nome Do Pai: http://blogs.diariodepernambuco.com.br/emnomedopai/

Conversas Sobre O Invisível: http://especiais.ne10.uol.com.br/conversas-sobre-o-invisivel/

Dossiê Organizadas: http://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/dossie-organizadas/

À Luz De Verger: http://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/a-luz-de-verger/

A Crise Que Adoece: http://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/a-crise-que-adoece/

#pelocaminhar: http://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/pelo-caminhar/

Mapa de navegação do website

Amigas em Canoanã –
HEADER FIXO COM MENU, LOGO CENTRALIZADO E BOTÕES DE COMPARTILHAR

CAPA COM FUNDO MÓVEL - TÍTULO E SUBTÍTULO
Texto: pequena linha fina (4 linhas)
Créditos (quadrinhos):
"Texto por:"

SUBTÍTULO: "A CAPITAL DA ILHA"
Texto: Panorama geral com linha grifada (linha grifada: quando clica começa a tocar um áudio)
mapa interativo da aldeia Canoanã
Foto 360 graus do rio (espaço horizontal)
Texto: Importância do rio
Foto com Parallax com texto em sobreposição
Texto: 7 de Setembro
Foto 360 graus da aldeia
Foto com Parallax com texto em sobreposição
Texto: Jogos de futebol
vídeo (com reprodução automática)
Galeria de fotos com slider
Texto: Motocicletas com linha grifada + áudio das motos
Fotos em Galeria Grid
Audio portrait do forró com gif do homem dançando
Texto sobre o forró
Foto grande
Fotos em grid sobre os parentes
Texto
Fotos em galeria vertical com texto na rolagem
Texto com gancho para Deltino
SUBTÍTULO: "A PROFESSORA"
Foto da Deltino
Texto: interação com o restante da aldeia
Foto Deltino
Texto: História de vida
Foto Parallax (detalhe Deltino) com texto de olho (2 ou 3 linhas)
Texto: História de vida
Fotos em Grid
Vídeo Deltino
Texto com linha grifada para áudio (gancho para amigas)

SUBTÍTULO: "AS AMIGAS" - abre com vídeo das três
Texto: Contexto - Trans
Foto Parallax e texto em sobreposição
Texto: Início da amizade entre as três

Foto
Texto: Samanta
Vídeo Samanta
Texto: Gisele com linha grifada para áudio Deltino
Fotos: Gisele
Texto: Amizade das amigas
Fotos em Grid

Continue Lendo: Quadrinhos com imagens ou ilustração e links para as outras matérias

Ficha técnica: Sobre o projeto, designer, nomes envolvidos e agradecimentos

A gralha na cidade –

HEADER FIXO COM MENU, LOGO CENTRALIZADO E BOTÕES DE COMPARTILHAR

CAPA COM FUNDO MÓVEL - TÍTULO E SUBTÍTULO
Texto: pequena linha fina (4 linhas)
Créditos (quadrinhos):
"Texto por:"

SUBTÍTULO: "GRALHA E ARARA"
Vídeo: com narrativa do Neimar
Texto: "gralha" - a vida em aldeia - contexto geral - organização social, família e relação com as irmãs
Ilustração dos clãs - destaque para gralha
Vídeo com fotos de família
Texto: A relação com a mãe e a importância da irmã mais velha (linha grifada: quando clica começa a tocar um áudio)
Foto com Parallax com texto em sobreposição
Texto sobre a relação com a aldeia (preconceitos, nomes que chamavam ele) e os salesianos
Gif animado rosto do Neimar
Texto sobre os caminhos que o levaram à Campo Grande - sexualidade, vestibular, mudança, nova cidade, dificuldades de adaptação
Fotos em Galeria Grid - Neimar sozinho e com arara
Olho sobre sentir-se sozinho (linha grifada: quando clica começa a tocar um áudio) - áudio no museu
Texto sobre a casa que o acolheu e os indígenas que moram com ele
Fotos em Galeria Grid - na casa [portão e dentro]
Vídeo no parque 1º dia
Texto sobre lugares que ele costuma frequentar
Foto com Parallax com texto em sobreposição [parque]
Foto com Parallax com texto em sobreposição [biblioteca]
Foto com Parallax com texto em sobreposição [praça]
Texto sobre a chegada das amigas da própria etnia e sua sexualidade

Vídeo com eles caminhando até UCDB
Fotos em Galeria Grid - amigas e ele

SUBTÍTULO: “MARIDO KIGA”
Texto sobre a chegada à UCDB e enfrentamentos com a academia
Gif dele andando na UCDB
Vídeo sobre ser guerreiro
Texto: Explicação sobre o nome dele Marido Kiga
Gif dele com o Marido
Gif dele com o Kiga
Texto sobre a carga étnica que ele traz em seus trabalhos e pesquisas que tem desenvolvido ainda na graduação
Fotos em Grid - ele pintado
Texto sobre ele ter ido para o mestrado e explicação de sua pesquisa (linha grifada: quando clica começa a tocar um áudio)
Vídeo com ele se pintando [no vídeo terá uma explicação das pinturas utilizadas]
Foto com Parallax com texto em sobreposição [ele na UFMS]
Foto com Parallax com texto em sobreposição [ele na UFMS]
Foto com Parallax com texto em sobreposição [ele na UFMS]
Texto sobre sua sexualidade no contexto acadêmico [dificuldades, aberturas, possibilidades e pesquisas]
Vídeo no museu [ser indígena e gay, preconceito na comunidade LGBT, etc]

Continue Lendo: Quadrinhos com imagens ou ilustrações e links para as outras matérias

Ficha técnica: Sobre o projeto, designer, nomes envolvidos e agradecimentos

O Batuque do Toré –
HEADER FIXO COM MENU, LOGO CENTRALIZADO E BOTÕES DE COMPARTILHAR

CAPA COM FUNDO MÓVEL - TÍTULO E SUBTÍTULO
Texto: pequena linha fina (4 linhas)
Créditos (quadrinhos):
“Texto por:”

SUBTÍTULO: “A RETOMADA DOS POTYGUARA”
Texto: sobre a história de retomada da cultura indígena do potyguara de Crateús
Origens do povo Potyguara
Período de retomada - Funai, Terras e estudos
Caçada e preconceito ao pajé Cícero
Papel do pajé
Demarcação e educação indígena/interação com a cidade de Crateús
Jéssica em seus primeiros anos

SUBTÍTULO: “FILHA DE PAJÉ”
Texto: Sobre espiritualidade, a filha do pajé lésbica e herança da pajelança.
Crescimento e educação de Jéssica

Presença da religião em sua vida/trabalho do Pajé na comunidade
Preconceito na escola não indígena - “Não somos Iracema”
Início da sexualidade/abertura para mãe e pai
Recepção da comunidade - pressão sobre o pajé “não é natural”
Relação com a família e parentes hoje/rotina diária, planos de fazer faculdade
Amigos e militância em Crateús
Terra de Mambira

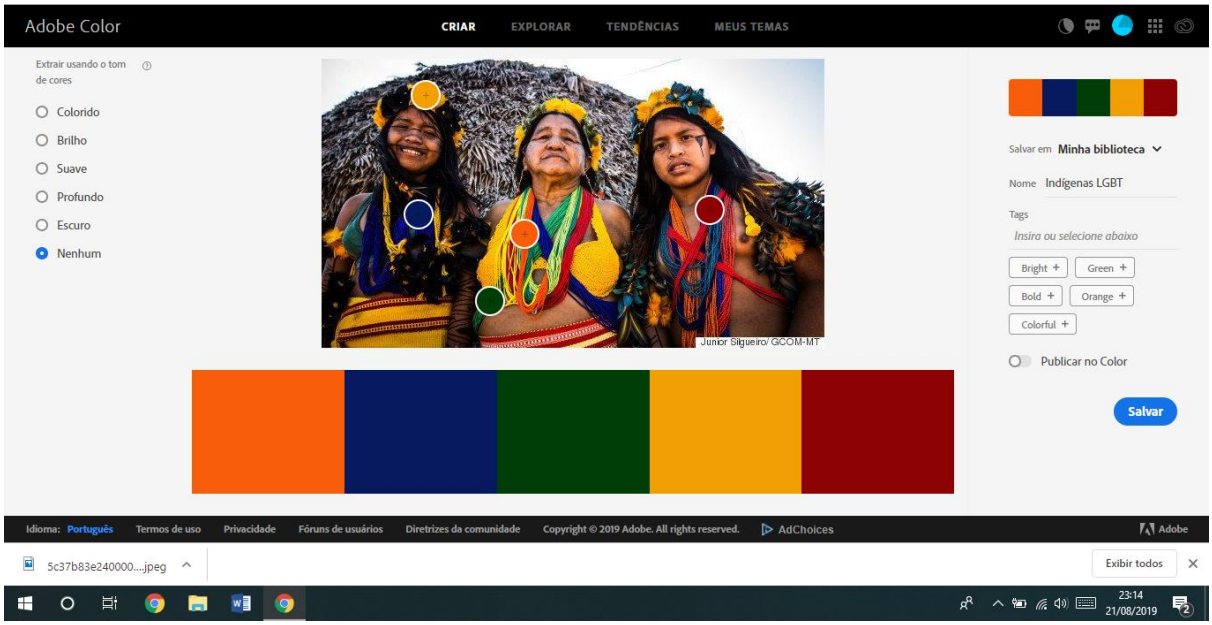
SUBTÍTULO: “PARA DANÇAR O TORÉ”
Texto: Sobre o Herança Nativa - encontro com outras etnias, apresentações, oficinas e importância do evento
Os torés
Encontro entre etnias/mobilização
Contextualização do evento e do SESC Iparana
Oficina de batuque da Jéssica
Roda dos pajés
Como cada um é pajé
Terreiro do Cícero
Ser Pajé depois de seu pai: Mulher e Lésbica na pajelaça

Continue Lendo: Quadrinhos com imagens ou ilustrações e links para as outras matérias
Ficha técnica: Sobre o projeto, designer, nomes envolvidos e agradecimentos

Manual de Identidade

1. CORES

As nossas cores foram baseadas na imagem dos indígenas abaixo, sintetizando uma variedade de cores utilizadas em seus adornos. Além disso, também nos inspiramos nos tons avermelhados extraídos do urucum - que são utilizados para as pinturas corporais indígenas.



Laranja: #f85d0a
Azul: #071a5f
Verde: #003e08
Amarelo: #f29f05
Vermelho: #b00000

2. FONTES

- Fonte do Logotipo: Cabana - https://freetypography.com/2015/02/02/free-font-cabana/
- Títulos, olhos e corpo do texto - Raleway - https://fonts.google.com/selection?query=ralew&selection.family=Raleway

3. Logo

O logo segue com as cores oficias do projeto, em que “Perudá” consegue receber as demais cores, de acordo com o fundo aplicado. A flecha reflete aos costumes indígenas da caça e, por fim, as penas representam as cores da bandeira LGBTQ+.

PERUDÁ

Lista de itens para viagens

LISTA COMPLETA

- Barraca [Léo]
- Colchonete/Saco de dormir
- Lanterna [vô da mabi]
- Pilhas
- Algo para filtrar água - cloro em gotas hidroesteril
- Repelente
- Protetor Solar
- Papel Higiênico
- Alcool Gel
- Pazinha
- Sacolas para lixo
- Kit de primeiro socorros/remédios (soro, gaze, atadura, algodão bandaid, pomada para queimadura, antialergico em pomada e comprimido), parecetamol, ibuprofeno, antitérmico, relaxante muscular.)
- Canivate
- Silvertape
- Lençol
- Cobertores
- Travesseiro
- Fronha
- Sabonete
- Shampoo
- Desodorante
- Garrafa de água
- Prato, garfo colher e faca
- Copo
- Fogareiro
- Dois isqueiros
- Liquinho/botijão de gás
- Panela
- Esponja
- Pano de prato
- Jornais velhos
- Bom par de tênis
- Botas impermeáveis
- Chinelos
- Roupas íntimas
- Meias grossas
- Capa de chuva
- Roupas confortáveis para dormir
- Roupas de banho
- Boné
- Óculos de sol
- Toalha de banho
- Shorts
- Camiseta

- Calça
- Tesoura
- Lenços umedecidos
- Escova de dentes e pasta
- Abridor de garrafa e lata
- Bússola
- Documentos pessoais
- Fósforo

- Pão
- Manteiga
- Polenguinho
- Bolacha
- Salgadinho
- Maçã
- Laranja
- Atum
- Goiabada
- Leite em pó
- Achocolatado
- Barrinha de cereal
- Macarrão
- Extrato

- 2 Câmeras
- 2 Microfones (lapela ou bastão)
- 2 baterias extras
- 2 tripés ou Gorillapod
- 2 cartões de memória (16, 32 ou 64gb)
- 2 powerbanks [Mã e Rafa]
- 1 HD externo
- 1 notebook com fonte

OPCIONAIS:

- Flash externo
- Headphone
- Gravador de áudio tipo Zoom